

RESISTÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A HISTÓRIA DE SOPHIA

Alessandra Cristina Raimundo

alecris04@yahoo.com.br

Dinah Vasconcellos Terra

dv.terra@terra.com.br

Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO

Trabalho realizado nas aulas de Educação Física na Educação Infantil, com objetivo de problematizar a história da cultura africana e as representações estéticas negras contribuindo para a desconstrução de visões estereotipadas sobre os corpos negros. Desenvolvido por meio da linguagem literária; oficina das bonecas Abayomi; Jogos e brincadeiras da cultura africana e afro-brasileira. Constatamos mudança nas crianças e nas famílias com atitudes de empoderamento e ampliação de reflexões críticas.

PALAVRAS-CHAVE

Étnico-Raciais; Educação Infantil; Educação Física

INTRODUÇÃO

No outono de 2018, numa escola pública na cidade do Rio de Janeiro, localizada na comunidade da Mangueira, uma aluna negra da Educação Infantil, chamada Sophia, foi para a escola com um “coque” criando um volume acima da cabeça. Ela participava da aula contente com aquele penteado. Até que este lhe causou a desagradável vivência de *bullying* por um aluno de outra turma. O tipo de penteado se caracterizava como da cultura africana/afrodescendente e isso estava dizendo algo mais profundo para o aluno que a molestou.



Refletindo sobre o fato e por a escola está situada naquela comunidade, onde a grande maioria dos alunos/as são negros/as estranhei tal atitude até porque como estão imersos nesse contexto o mesmo não me pareceu estranho. Tendo em vista a aparente aceitação dessas representações estéticas negras, suspeitei que, possivelmente, essas vozes fossem silenciadas na própria comunidade escolar. Partindo dessa realidade, decidi organizar o planejamento e selecionar conteúdos que levassem os/as alunos/as a conhecerem suas origens e cultura. Reconheço que esses significados são importantes para que ao conhecer permita-os posicionamentos “contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crença, de sexo, de etnia ou características individuais e sociais” (BRASIL/PCNs, 1997, p.7).

Organizei o planejamento: Jogos e brincadeiras da cultura africana e afro-brasileira, com o objetivo de conhecer e vivenciar as origens da cultura africana e afro-brasileira. Fundamentada em Freire (1983), considerei que o professor não precisa abrir mão do conteúdo para problematizá-lo e dialogar com o mundo social, isso requer muito mais do que saber o conteúdo a ser ensinado. Reconheço que essa não é uma tarefa simples, mas necessária para não esvaziar a ação pedagógica de uma prática crítica e libertadora.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PLANEJAMENTO NAS AULAS EDUCAÇÃO FÍSICA

Exibi alguns vídeos problematizando os tipos de cabelo e cor da pele e depois em roda de conversa perguntei do que se tratava a história e comentávamos do conteúdo. Para minha surpresa, vários alunos relataram situações constrangedoras vivenciadas, inclusive Sophia.

Enquanto passava um dos filmes, Sophia levantou-se devagar, dirigiu-se à frente da TV e me perguntou: Professora! Quer dizer que eu sou negra? Respondi: Sim, você é negra. Era uma carinha de quem estava se descobrindo! Na sequência, vários alunos/as começaram a falar que também eram negros/as e outros ainda com dúvida me perguntavam. Aproveitei para anunciar que desenvolveríamos o tema da cultura africana e afro-brasileira com diferentes atividades.

Na semana seguinte a mãe de Sophia me procurou e agradeceu. Ainda sem saber exatamente o motivo, perguntei porquê. Ela respondeu: que a filha tinha chegado em casa dizendo que não queria ir mais à escola com aquele penteado. A mãe, uma pessoa esclarecida e que assume sua identidade negra, estava com dificuldades com a filha sobre essa questão. O agradecimento fora porque Sophia chegara em casa e contara a mãe sobre o filme, o que havíamos conversado e o que faríamos em nossas aulas. A mãe relatou que a filha já não a tensionava ao fazer o penteado do seu cabelo, sentia que estava mais leve e com menos resistências, começando a reconhecer sua condição, ainda que várias perguntas e dúvidas continuassem.

Esse retorno foi fundamental para reforçar o caminho e tema escolhidos para o planejamento das próximas aulas com a turma. Pesquisei para organizar o planejamento. Parti da orientação de Freire (2013) de que ensinar exige pesquisa e que

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2013, p.31).

Tive acesso a Lei nº 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, tornando obrigatório o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica, luta histórica de diversos educadores/as de escolas públicas brasileiras.



Acompanhando o processo de desenvolvimento dessas atividades foi possível verificar, no cotidiano escolar como estas foram reinventadas nos diferentes espaços da escola. Essa manifestação e entusiasmo provocava uma vontade de aprender de forma alegre com sorrisos estampados no rosto.

No final do ano a escola organizou uma Feira Cultural. Aproveitei esse momento para finalizar o planejamento com a culminância onde as crianças apresentaram os materiais produzidos nas aulas. Destacamos o Labirinto Moçambique, Amarelinha Africana, jogo da memória que foram apresentadas aos pais pelas crianças, onde puderam jogar juntos; além da exposição das bonecas confeccionadas pelas crianças onde eles contavam a história desta e a roda de capoeira conduzida por um mestre (de capoeira de 76 anos) que convidada crianças e familiares para participarem. Realizamos gravações com as crianças com a seguinte pergunta: O que você aprendeu com esses jogos e brincadeiras? As respostas das crianças revelam o aumento da autoestima, o empoderamento e reconhecimento de suas ancestralidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a escola avane no debate da diversidade étnico-racial, é preciso um olhar sensível para as crianças negras silenciadas no cotidiano escolar. Aos professores cabe dar-lhes voz, pensar sobre a necessidade de construir estratégias pedagógicas de combate ao racismo na escola e do reconhecimento da história da cultura africana e afro-brasileira.

Cabe a escola dimensionar o espaço de diálogo com a diversidade, questionar os contextos sociais e revelar dialeticamente as lutas históricas, pois muitas vezes é nela a única possibilidade para essas crianças de organizarem ações de resistência a questões repressoras via construção do conhecimento (FREIRE, 2013).

Planejar os temas das questões étnico raciais e relacioná-los, sem abrir mão da especificidade da educação física, me encorajou a constante reflexões durante o processo considerando ainda a localização da escola na comunidade da Mangueira com sua identidade cultural. Essas crianças de cinco anos de idade refletiram sobre o contexto social político com as ferramentas que tinham e lhes foi problematizada. Pode parecer pouco porque a ações desenvolvidas foram com crianças pequenas, mas como diz Freire (2013, p. 43) "o que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou contribuição à *assunção* do educando por si mesmo".

Ao situar a história de Sophia, concordo com o fato de que o racismo existe na sociedade brasileira, estando presente no cotidiano escolar. Ao identificarmos esses fatos, rompemos com a hipocrisia dos discursos de que nosso país não é racista. Essa constatação exige um posicionamento crítico do/as educadores/as no sentido de empoderar essas crianças a se reconhecerem para continuar a lutar por seus direitos.

As ações desenvolvidas até o momento nos permitem refletir que a Educação Física, como componente curricular, também pode, por meio das várias práticas corporais, organizar esse conhecimento e cumprir seu papel político, pedagógico no contexto escolar. Durante a vivência dos jogos da cultura africana observamos que as crianças se sentiram estimuladas a assumir seu cabelo crespo, recuperando sua autoestima e passando a conhecer um pouco de sua história.

Obrigada, Sophia, você me inspira, sua história agora é nossa, pois ela me virou do avesso, dando sentido à minha ação educativa!!



RESISTANCE IN CHILDREN EDUCATION: THE HISTORY OF SOPHIA

ABSTRACT

In Physical Education classes in Early Childhood Education the history of African culture, black aesthetic representations and stereotypes about black bodies were problematized. Developed through the workshop of the Abayomi dolls and Games of African culture. We observe changes in attitudes of empowerment and critical reflections.

KEYWORDS: *Ethnic-Racial; Child Education; Physics Education.*

RESISTENCIA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: LA HISTORIA DE SOPHIA

RESUMEN

En clases de Educación Física en la Educación Infantil se problematizó la historia de la cultura africana, las representaciones estéticas negras y estereotipos sobre los cuerpos negros. Desarrollado por medio del taller de las muñecas Abayomi y Juegos de la cultura africana. Constatamos cambio en las actitudes de empoderamiento y reflexiones críticas.

PALABRAS CLAVES: *Relaciones Raciales; Educación Infantil; Educación Física.*

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MEC/SECADI. *História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil*. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC / SEF, 1997.
- FREIRE. P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.
- FREIRE. P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2013.
- MUNANGA, K. *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC/SECADI, 2005.

